



O ESPLENDOR DA IGREJA E A FÉ EM JESUS CRISTO

(The splendor of the Church and faith in Jesus Christ)

Prof. Dr. José Ulisses Leva*

Professor de História Eclesiástica. Faculdade de Teologia da PUC/SP

RESUMO

O fim do Conciliarismo foi o retorno do Papa a Roma e o fortalecimento do papado no Ocidente. O declínio do Império Romano no Oriente com a queda de Constantinopla em 1453 põe fim ao Período Medieval e o surgimento do Período Moderno da História e também da Igreja. No Período Moderno da História iniciou-se o expansionismo europeu além-mar e o esfacelamento da Igreja na Europa. O advento da Revolução Francesa em 1789 pontuou o início do Período Contemporâneo e marcou definitivamente a Igreja como sinal profético vivendo e proclamando as alegrias e esperanças em Cristo Jesus aos povos com maior intensidade.

Palavras-chave: História da Igreja; Período Moderno; Período Contemporâneo.

ABSTRACT

The end of Conciliarism was the Pope's return to Rome and the strengthening of the papacy in the West. The decline of the Roman Empire in the East with the fall of Constantinople in 1453 puts an end to the Medieval period and the emergence of the modern period of history and also of the Church. In the modern period of history began the European overseas expansionism and disintegrate the Church in Europe. The advent of the French revolution in 1789 scored the beginning of Contemporary and Period marked definitely the Church as a prophetic sign living and proclaiming the joys and hopes in Christ Jesus to people with greater intensity.

Keywords: Church History; Modern Period; Contemporary Period.



INTRODUÇÃO

O Artigo *O Esplendor da Igreja e a Fé em Jesus Cristo* propõe uma leitura desde o Papa Leão X em 1513 até o Papa Francisco em 2013 compreendendo o itinerário de 500 anos da Igreja na História.

Qual foi a postura assumida pela Igreja no Período Moderno da História? Teria ela respondido coerentemente à luz do Evangelho as urgências do tempo? Teria a Igreja se amalgamado às ciladas do mundo sem oportunizar Jesus Cristo aos povos? Como a Igreja se manifestou na aurora do Período Contemporâneo? Menosprezou ou dialogou com o mundo e o Homem do seu tempo? Essas e outras quantas perguntas serão apresentadas e respondidas ao longo desse Artigo.

A Europa Medieval viu surgir inúmeros eventos singulares. Ao final do Império Romano em 476 as cidades foram esvaziadas e a força se concentrava nos campos. Porém, no alvorecer do século XIII, no entorno das Catedrais e Monastérios espalhados por toda sua extensão, os burgos se proliferam trazendo inovações como as Universidades e as primeiras noções de nacionalismo.¹

O Período Moderno da História iniciou-se com o expansionismo comercial pela sociedade europeia e pelo esfacelamento da Igreja presente na Europa. Com o fechamento das fronteiras pelos turcos otomanos, impedindo o comércio entre europeus e asiáticos pelo Estreito de Bósforo, a alternativa foi navegar por mares, margeando as costas da África até chegar às especiarias da China e da Índia. A Igreja cerceada na Europa pelo islamismo que montava guarda nas fronteiras viu-se fragmentada pelas inúmeras Reformas ocorridas no seu interior com novas propostas eclesiológicas.

No pluralismo de novas ideias, a Igreja se fragiliza como representante única na Cristandade. Absoluta ao final do Império Romano, em 1453, se vê agora sacudida pelos novos reinos que estão surgindo e pelo nacionalismo cada vez mais presente na Europa.

Frente ao Islamismo banido na Espanha em formação em 1492, com a reconquista de Isabel de Castela e Fernando de Aragão, e seu rechaço em 1571 na vitória de Lepanto², a Igreja na Europa respira aliviada dessas ameaças, mas não se tranquiliza frente às inúmeras rachaduras causadas pelas Reformas.

Durante o Período Medieval muitas vozes que clamavam reformas foram silenciadas, mas no anoitecer do Período Moderno tantas outras vozes foram sentidas e ecoadas sacudindo toda a Europa. As reformas dentro da Igreja foram clamadas, mas viram-se amordaçadas com o V e último Concílio realizado na Basílica de Latrão entre 1512 e 1517.

Simultaneamente ao final sem êxito das reformas³, o Concílio de Latrão V, 1517, marcou o esfacelamento da Igreja Una querida por Jesus Cristo. Em 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero⁴ afixava as noventa e cinco Teses em relação às Indulgências no pórtico da Igreja do Castelo de Wittemberg. Juntamente com as novas eclesiologias, a cartografia europeia recortava a nova geografia e os nacionalismos. A Alemanha luterana



alavancada pelos príncipes; a Inglaterra anglicana apoiada pelo Rei; além das regiões da Basileia e dos Países Baixos calvinistas.

A Reforma empreendida no Concílio de Trento (1545-1563), e o surgimento da Companhia de Jesus em 15 de agosto de 1534, favoreceram o repensar das perdas territoriais e de fiéis da Igreja, e um advento futuro de diálogo com o mundo.

O término da construção da Basílica de São Pedro no Vaticano foi ofuscado pelas Reformas, e as inúmeras cisões na túnica de Jesus Cristo. Os séculos futuros mostrariam, que de entre as inúmeras dificuldades causadas pelos rasgões, nasceriam projetos de restauração da Unidade em Cristo Jesus. Da falta de diálogo dos papas mecenas, sobretudo Júlio II e Leão X em 1513, quatrocentos e cinquenta anos depois, em 1963, os papas Beato João XXIII e o Servo de Deus Paulo VI propuseram a reaproximação entre os povos e o diálogo entre os cristãos num profundo *aggiornamento* da Igreja inserida no mundo.

O Período Contemporâneo da História, à luz da Revolução Francesa ocorrida 1789, fez pouco a pouco a Igreja maturar a consciência de si mesma e sua importância na sociedade. No Concílio Ecumênico Vaticano I, o Papa Beato Pio IX procurou dar o contorno de centralidade da Igreja para protegê-la e, ao mesmo tempo, prepará-la para as ulteriores mudanças, e presença, mais efetivadas nos decênios vindouros. O papado de Leão XIII foi benéfico para a Igreja com o início das Encíclicas Sociais. A Igreja mergulhou profundamente nos problemas do Homem Contemporâneo e orientou os católicos a tomarem posições firmes e solidárias. As duas Grandes Guerras fez a humanidade inteira mergulhar no caos e no vazio humano. Os papas Bento XV e Pio XII lamentaram os horrores da guerra e buscaram respostas para um mundo melhor.

Depois das conclusões do Concílio Ecumênico Vaticano II a Igreja marcou profundamente a sociedade hodierna. A Igreja não apenas olhou para o Homem Contemporâneo, mas mergulhou inteiramente nas suas angústias e tristezas e proporcionou um tempo de esperança e alegria.

Nos últimos decênios do século XX a Igreja se apresenta mais aberta e tolerante. Mais que estadistas, podemos assim dizer, passado quinhentos anos, os papas se mostraram mais pastores e preocupados com a luminosidade em Cristo Jesus à luz de uma Roma dialogante e acolhedora. Os papas no limiar do século XXI propõem novos tempos e novos rumos no esplendor da Igreja e a Fé intrépida que proclamamos em Jesus Cristo, Filho Altíssimo do Pai Misericordioso, no Espírito Santo? O Ano da Fé iniciado por Bento XVI e o sorriso dialogante de Papa Francisco estão mudando o rosto da Igreja?

1. A HISTÓRIA E O PERÍODO MODERNO DA IGREJA

1.1. O ESPLENDOR DA IGREJA EM ROMA



O fechamento a Leste do comércio entre a Europa e a Ásia fez com que as portas se abrissem a Oeste. Um fato político-religioso, o endurecimento muçulmano e a tomada de Constantinopla em 1453, fez plasmar no coração da Europa rumos novos para possibilidades novas. A História nos mostrará uma Europa enfraquecida nas regiões fronteiriças, mas empreendedora ao singrar dos mares e no encontro com os povos. Luzes e trevas. Conquistas e conquistados. Riquezas e pilhagens. Vitórias e mortes. Nessas contradições, e presente no mundo, a Igreja mostrará seu rosto. Assim iniciamos o Período Moderno da História e também da Igreja.

O papado de Leão X foi marcado pela divisão da Igreja de Jesus Cristo e ao mesmo tempo pelo esplendor da Igreja em Roma. “Giovanni de Medici eleito em 11 de março de 1513 [...] não foi ao encontro das aspirações de reforma da Igreja [...] sob o pontificado desse papa, Lutero se levantou contra as indulgências que Júlio II instituíra para a construção da Basílica de São Pedro”.⁵ O esplendor na construção do edifício não pode ser ofuscado em divisões da Igreja Una edificada e querida por Jesus Cristo. Quem perde? Quem ganha? Perdemos todos nós cristãos que assistimos e vemos a túnica de Cristo rasgada. Ganhamos quando os valores do Reino de Deus assegurados por Jesus Cristo são mantidos e preservados, como também, assegurados e um dia restabelecidos na Unidade pela Santidade na única e Una Igreja de Jesus Cristo.

A Igreja no primeiro quartel do século XVI precisava enfrentar seus problemas internos. De muitos lados e muitas vozes clamavam um Concílio Ecumênico capaz de uma reforma na Cúria Romana; nos costumes; na residência dos Bispos em suas dioceses. Essas e outras situações afligiam a Europa ainda cristã e unida em torno da Unidade em Roma.

Em meio às temáticas no interior da Igreja que pediam as devidas reformas, muitas Heresias modernas surgiram, tais como, o Jansenismo⁶, Galicismo⁷, Febronionismo⁸, Deísmo⁹, Maçonaria¹⁰. Seria preciso manter a Unidade no consenso das Reformas para prosseguir num debate teológico, suficientemente maduro e dialogante, para a manutenção da sadia e segura Teologia.

A Reforma veio com o Papa Paulo III e o início do Concílio de Trento em 1545. Passaram-se 18 anos até que em 1563, a Igreja concluísse esse Concílio do Período Moderno. A Igreja tornou-se mais coesa e definida, sobretudo, quanto aos Sacramentos, à residência dos Bispos e a iniciativa dos Seminários, como privilégio de formação de novos padres. A Igreja alinhou-se como Corpo plenamente estruturado, mas não conseguiu impedir o surgimento de novas eclesiologias que dividiram a Europa entre o Norte protestante e o Sul católico.

Grande aliada da Igreja no século XVI foi a Companhia de Jesus fundada por Santo Inácio de Loyola em 1534. Assim como muitos Místicos ibéricos esse espanhol inaugurou uma fase presencial da Igreja, por um lado numa Europa dividida e por outro lado nas vastas regiões conquistadas, principalmente através da Educação e Catequese.

O esplendor de Roma e o término da construção da Basílica de São Pedro no Vaticano foram alvos de críticas em torno da má compreensão e aplicação das indulgências. O valor artístico duma Igreja cada vez mais presente nos quatro cantos do planeta; ao



mesmo tempo a fez universal e simultaneamente centrada em Roma. O Barroco que nasceu na Igreja de Jesus, na cidade de Roma, logo chegará às novas terras pelas mãos dos Jesuítas ganhando contornos próprios face às novas populações recém-convertidas ao cristianismo marcadamente católico.

Os séculos do Período Moderno viu nascerem novas Ordens Religiosas, que marcavam presença nos hospitais e na educação, onde as missões apropriavam-se das culturas locais e faziam chegar pastoralmente a mensagem salvadora e redentora de Jesus Cristo.

A Igreja esteve presente, quando a Europa se lançou a conquistar as Ilhas próximas ao Continente e indo além-mar quebrando as Tormentas, e na marcha da Esperança se fez presença nas Índias Orientais e chegando até as Índias Ocidentais. Nas Caravelas espanholas, o italiano Cristóvão Colombo homenageou as novas conquistas a outro italiano, Américo Vespúcio, dando-lhe o nome de América. A Igreja não somente olhou, mas esteve presente nas embarcações que aportaram os Continentes. Novas luzes e novas trevas no coração da Igreja que ao desembarcar se viu chamada a anunciar o Evangelho de Jesus Cristo aos povos, quando assistiu muitos desses homens e mulheres serem violentamente mortos pelos conquistadores. Certo que muitos missionários foram capazes de denunciar as asperezas com que eram tratados esses povos.

Na América, Frei Bartolomeu de Las Casas OP, e o Beato José de Anchieta SJ e, na Ásia, Pe. Matteo Ricci SJ, e tantos outros que passaram despercebidos diante dos olhos da História, marcaram pontualmente a Igreja viva e autêntica de Cristo Jesus. Muitos povos hoje celebram e vivem Jesus Cristo tendo como referência esses intrépidos arautos do Evangelho no século XVI.

O Concílio de Trento não estancou a divisão da Igreja, mas deu uma compreensão norteadora de como a Esposa de Cristo deveria levar o Evangelho aos povos. As quantas reformas que se sucederam colocavam em litígio a Igreja de Jesus Cristo, e as muitas investidas territoriais não impediram também as guerras, atrocidades e revoluções. O surgimento da Revolução Francesa foi um baque sem tréguas para os cristãos que enfraquecidos que estavam pelas querelas teológicas não sabiam como se posicionar frente ao argumento central da revolução, que buscava resolver os problemas políticos e econômicos sem a mediação da Igreja, e ainda pior, buscava sua destruição.

2. A HISTÓRIA E O PERÍODO CONTEMPORÂNEO DA IGREJA

2.1. ROMA E A FÉ EM JESUS CRISTO

O início do Período Contemporâneo à luz da Revolução Francesa fez a Igreja perceber nitidamente qual era de fato o seu esplendor. Na França visceralmente católica houve um profundo repensar em relação à Esposa de Cristo. Morrer às minguas numa luta fratricida



entre cristãos, ou buscar as vivas esperanças no Ressuscitado. Divididos como estavam seria uma oportunidade ímpar para a sociedade, através dos revolucionários: extinguir os valores do Evangelho e, conseqüentemente, a morte de seus membros.

A Igreja na França foi saqueada por dentro entre o clero jurado, bispos e padres que prestaram juramento à Constituição civil, e o clero abdicante, muitos foram mortos, mantidos no esquecimento ou convidados ao exílio.¹¹

O papado buscou valer sua autoridade com Pio VII frente às ameaças de uma Igreja galicana proposta por Napoleão Bonaparte. A França nascida católica desde os tempos dos Carolíngios, “Carlos Magno fora o bispo dos seus súditos, preocupado em introduzir os valores evangélicos no sangue do jovem ocidente”¹², viu em Pio VII um gesto único na História. O Papa foi até Paris e conferiu em 02 de dezembro de 1804, ao novo Carlos Magno, as unções rituais. O gesto de Pio VII pôs fim às iniciativas das Igrejas nacionais. Desde o Século XVI se apercebia um afrouxamento entre a cristandade e o papado com a política dos soberanos e os reformistas.

O Concílio Ecumênico Vaticano I, iniciado em 1869 e concluído em 1870, pautou a Unidade da Igreja centrada em Roma para prosseguir na Evangelização.¹³ O Concílio deu um passo decisivo frente ao surgimento das possíveis Igrejas Nacionais que assim eram plasmadas ao sabor dos ventos da Revolução Francesa. Nacionalismo que perderia a originalidade da mensagem da Catolicidade ao mesmo tempo da Unidade querida em Jesus Cristo. As definições do Concílio e, sobretudo, a Infalibilidade Papal propuseram novamente à Igreja seu papel norteador na História.

Pio IX foi duramente criticado tanto por bispos contrários ao Dogma da Infalibilidade Papal, quanto por nacionalistas na formação do Estado Italiano. Porém, em última análise, o papa Pio IX buscou, no eixo do Conceito Petrino, a chave de leitura para a universalidade da Igreja centrada no Magistério para assegurar a mensagem salutar. Ultrapassou as barreiras da sua Itália e a quaisquer formas de nacionalismo e, principalmente, na formação e concepção de Estado sem Deus.

Os Pontífices que vieram após o longo papado de Pio IX encontraram respaldo para anunciar a Doutrina Cristã. Leão XIII em 1891 deu início a Doutrina Social da Igreja com a *Rerum Novarum*. São Pio X e seu Catecismo alavancou fileiras em torno de Jesus Sacramentado e fez da Eucaristia, o Sacramento por excelência da Igreja. Pio XI abriu o diálogo com o Estado Italiano, rompendo o isolamento e buscando uma via de conciliação. Com o diálogo ninguém perde, quando todos expõem suas verdades. A Igreja deve anunciar sempre a Verdade em Jesus Cristo. Bento XV e Pio XII enfrentaram o horror das guerras. Quando nela estamos, todos saímos perdendo. Perdemos a identidade, e a essência e a História nos cobra profundamente. Esses papas foram valorosos no desejo de ver em suas ações a presença do Ressuscitado.

O ano de 1962 com o Beato João XXIII selou o que há de mais original e profundo na Igreja, que é o Diálogo. O Papa João XXIII dialogou com as culturas, com as religiões, e com os demais cristãos. Buscou um *aggiornamento* límpido da Doutrina Católica, respeitando o outro quando abriu solenemente o Concílio Ecumênico Vaticano II, em 1962. Não mascarou, nem criticou, na verdade, abriu as janelas do Vaticano para receber



os ares do mundo, e anunciar da mesma janela aberta, as verdades de Jesus Cristo, e a presença do Reino de Deus na sociedade.

O Servo de Deus Paulo VI brilhantemente concluiu em 1965 o Concílio Ecumênico Vaticano II. No seu pontificado, suas Encíclicas e mensagens encheram o mundo de conforto. Manifestou a Igreja no mundo como ponto de partida e, às vezes, como ponto de chegada, mantendo numa sociedade assaz célere os eternos valores da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo.

O ano de 1978 viu o rosto de três papas. Em 06 de agosto, a morte do pontífice, diplomático, Paulo VI; a chegada em 26 de agosto e a morte em 28 de setembro do papa sorriso João Paulo I; e a escolha, em 16 de outubro, do Apóstolo do Século XX, Beato João Paulo II. A Igreja, que é Universal, viu o itinerante papa polonês pisar e beijar o solo de quase todos os países da Terra. Assim como o Apóstolo Paulo que edificava as Igrejas e voltava para confirmá-las, assim também, João Paulo II fez do seu pontificado um luzeiro da mensagem de Jesus Cristo às diversas culturas e povos.

O papa Bento XVI confirmou seu pontificado com seus documentos concisos e permeados da Palavra edificante de Jesus Cristo. Suprimiu de Roma o título de Patriarcado do Ocidente em 2006, mas a identificou com o verdadeiro esplendor que a cidade merece. Em Roma deu-se o início do Ano da Fé em outubro de 2012, abrindo suas portas ao conhecimento e adesão a Jesus Cristo. Assim como João XXIII abriu as janelas do Vaticano para o *aggiornamento* da Igreja, Bento XVI também abriu as portas à sociedade apresentando a Carta Apostólica *Porta Fidei*¹⁴, com a qual proclamava o Ano da Fé.¹⁵

O mundo estupefato ante a renúncia de Bento XVI se viu surpreendido pelo sorriso dialogante do Papa Francisco. A História reserva um tempo a cada papa e no espaço, tanto a Igreja quanto a sociedade sabem medir cada um. O Papa Francisco está ganhando quando se abre ao outro e centra suas conversações em Jesus Cristo¹⁶, e sua respectiva mensagem salutar.¹⁷ No hodierno mundo midiático não são os longos discursos que cativam, mas são os discursos plenos da Verdade em Jesus Cristo e carregados de gestos verdadeiros, sinceros e afetuosos.

CONCLUSÃO

Nos 500 anos de História compreendendo desde o papa Leão X, em 1513, e o papa Francisco, em 2013, este Artigo quis apresentar a Igreja passando do centralismo em Roma à centralidade em Jesus Cristo sem apelos, nem julgamento e nem mesmo censura. Não basta apenas o pedido de perdão do papa João Paulo II¹⁸ preparando o Terceiro Milênio do Cristianismo.¹⁹ Nem mesmo é suficiente averiguar a Igreja no tempo de Leão X carregada de vícios e centralizadora, e a Igreja no tempo de Francisco carregada de sorriso largo, gestos intensos, e profundamente dialogante. Na História não podemos



julgar ou condenar; não podemos apagar ou esquecer, nem mesmo nos ufanar ou fanatizar.

Roma deve ser o lugar do acolhimento e da decisão colegiada. Jesus Cristo conferiu a Pedro o singular mandato de assegurar a Unidade preservando a Sã Doutrina. O Colégio dos Apóstolos não perdeu a voz com a escolha de Pedro, mas mantendo a Unidade da Igreja, todos participavam do mesmo múnus de apascentar e orientar a Una Igreja de Cristo Jesus. No Concílio de Jerusalém (cf. At 15, 7-11) prevaleceu a eclesiologia paulina, porém Pedro²⁰ a acatou e sob seu comando, a Igreja anunciou Jesus Cristo a judeus e gregos que se convertiam a Cristo Jesus, sem impor a circuncisão.

A maturação acerca da colegialidade assegura averiguar as posições pessoais e buscar os acertos viáveis para a reta Evangelização. Concorrendo para o bem comum, e eliminando os privilégios, seremos capazes de anunciar Jesus Cristo e a proposta do Reino de Deus contida no seu Evangelho.

Os séculos mostraram à Igreja o caminho a seguir. Apostar no Diálogo entre as Comunidades Cristãs é centrar nossa Fé em Cristo Jesus. O Apóstolo Paulo firmou seu desejo de ser membro da Igreja no seguimento em Jesus Cristo, não em Paulo, Apolo ou Cefas: “Portanto, ninguém ponha a sua glória em ser humano algum. Sim, tudo vos pertence: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro, tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus.” (1 Cor 3, 21-23).

O Artigo se propôs a percorrer um itinerário de 500 anos de História e perceber a Igreja presente e atuante na sociedade. Viu diferentes decisões assumidas pelos papas nos vários momentos da História: Precisamos olhar atenta e objetivamente os Fatos e acontecimentos. Não devemos criticar, mas aperceber as posições que mais levaram a Igreja a manter um diálogo com a sociedade. Tivemos tempos difíceis que resultaram no esfacelamento da Igreja e na multiplicidade de eclesiologias; momentos de fechamento e centralismo, e momentos de busca da Unidade respeitando a Diversidade.

Podemos dizer que as tensões se agravam quando a Igreja se fecha e não almeja reciprocidade. Porém, as alegrias são nitidamente percebidas quando há colegialidade entre os pares e diálogo com o mundo. Se o Período Moderno da História mostrou a Igreja mais centralizada, o Período Contemporâneo apresentou-a mais presencial e comunicativa. Quanto mais a Igreja se faz presente no mundo, tanto melhor anunciará os valores do Reino de Deus aos homens e mulheres de todos os tempos.

O teólogo Bento XVI ao longo do seu pontificado apresentou harmonicamente a Igreja através dos seus refinados textos. Presenteou a nós católicos, e aos homens e mulheres de boa vontade belíssimos documentos acerca das preocupações e esperanças dos tempos hodiernos propondo Jesus Cristo como a chave de leitura para o encontro das nossas indagações. O Ano da Fé, por ele iniciado, delineou seu projeto como pastor e guia dos católicos e manifestou ao mundo um momento salutar para o diálogo.

O papa Francisco recém-eleito, em 13 de março de 2013, diante da multidão de fiéis reunida na Praça São Pedro e perante as lentes do mundo inteiro manifestou sua proposta pastoral de inteira confiança na Providência Divina. Pediu que Deus o abençoasse e,



como Pontífice, alicerçou seu desejo de centrar suas forças e tomadas de posturas em Jesus Cristo.

Presente na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, entre os dias 22 e 28 de julho pp., o Papa Francisco renovou seu Ministério Petrino apresentado Jesus Cristo como centro da Igreja e dos cristãos. Esta é a riqueza que a Igreja deve apresentar ao mundo contemporâneo. Encontramos nos seus pronunciamentos²¹ a convocação para que a Igreja seja terna no aquecer os corações dos homens e mulheres do nosso tempo, renovando sempre o diálogo e a esperança. Conclamou à autêntica colegialidade e solidariedade, não entendidas como unanimidade, mas verdadeira Unidade na riqueza da diversidade.

O Artigo que propôs um itinerário nos 500 anos de História, mostrou a Igreja em 1513, centrada nos esplendores de Roma e, sem perder sua historicidade e grandiosidade, chegou ao seu término, apresentando a Igreja em 2013, centrando sua Fé em Jesus Cristo.

BIBLIOGRAFIA

ACCATOLI, L. Quando o Papa pede perdão. Todos os mea culpa de João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 1997.

ALBERIGO, G. A Igreja na História. São Paulo: Paulinas, 1999.

ALBERIGO, G. (Org.). História dos Concílios Ecumênicos. São Paulo: Paulus, 2011.

A CARTA A DIOGNETO. Introdução e Notas Dom Fernando Figueiredo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Primeiros Passos).

CARTA DE SÃO CLEMENTE ROMANO AOS CORINTIOS. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. Introdução do Original Grego e Notas: Dom Paulo Evaristo Arns, OFM. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, Decretos, Declarações. Coordenação Geral: Frei Frederico Vier, OFM. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

DENZINGUER, H. HUNERMANN, P. Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007.

DIDAQUÉ. Catecismo dos Primeiros Cristãos. Introdução e Notas: Frei Urbano Ziles. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

FISCHER WOLLPERT, R. Léxico dos Papas – De Pedro a João Paulo II. Tradução por: Antonio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRANGIOTTI, R. A História das Heresias (Séculos I-VII). Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo. 4. ed.. São Paulo: Paulus, 2004.



LE GOFF, J. O Deus da Idade Média. Conversas com Jean-Luc Pouthier. Tradução por: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LENZENWEGER, J. *et alii*. História da Igreja Católica. Tradução por Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2006.

LEVA, J.U. A contribuição do laicato para a santificação do mundo. Revista Eletrônica – Espaço Teológico, v. 5, p. 08-14, 2011.

_____. Nos Fatos da História o Evento Salvífico. XV Séculos de Igreja. Revista de Cultura Teológica. N. 80, Ano XX, out/dez, 2012.

_____. Reiterando o Ministério Presbiteral. Revista Eletrônica - Espaço Teológico, V. 4, p. 14-19, 2010.

MARTINA, G. História da Igreja de Lutero aos nossos dias, III. São Paulo: Loyola, 1995.

PAPA BENTO XVI. Carta Apostólica Porta Fidei com a qual se proclama o Ano da Fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAPA FRANCISCO. Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Lumen Fidei. Roma: Tipografia Vaticana, 2013.

PIERINI, F. A Idade Antiga. Curso de História da Igreja, I. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. A Idade Média. Curso de História da Igreja, II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

PIERRARD, P. História da Igreja. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

VOVELLE, M. A Revolução Francesa contra a Igreja. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

WOODS JR, T.E. Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental. Tradução por: Élcio Carillo. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 2010.

ZAGHENI, G. Idade Moderna. Curso de História da Igreja, III. São Paulo: Paulus, 1999.

NOTAS

* Professor de História Eclesiástica. Faculdade de Teologia da PUC/SP. e-mail: juleva@pucsp.br.

¹ PIERRARD, P., p 155: “Mais que uma assembleia de Igreja, o Concílio de Constança (1414-1418) parecia um congresso de nações [...] Assim, não conseguindo conciliar o interesse de cada nação, Martinho V havia decidido – antes de encerrar o Concílio de Constança a assinar uma concordata particular com cada uma das nações que compunham a assembleia: alemães, ingleses, franceses, italianos e espanhóis”.

² FISCHER WOLLPERT, R., p 132: “Na luta contra os turcos, o papa teve grandes méritos. Tinham eles conquistados, em 1571, a ilha de Chipre, mas em 07 de outubro de 1571, foram derrotados de forma arrasadora junto a Lepanto, no Golfo de Corinto. Em agradecimento por essa vitória, introduziu o papa a festa do Rosário na Igreja”.

³ PIERRARD, P., p 161: “A ideia de reforma [...] é bem anterior a Lutero [...] sentido de correção dos abusos [...] retorno ao espírito evangélico, à Sagrada Escritura como alimento substancial, bem como por uma renovação espiritual de todos os cristãos”.

⁴ MARTINA, G. História da Igreja de Lutero aos nossos dias, III. São Paulo: Loyola, 1995.



⁵ FISCHER WOLLPERT, R., p. 126-127.

⁶ PIERRARD, P., p 198: “O jansenismo, nunca é demais dizê-lo, foi inicialmente, como a Reforma Protestante, um debate teológico. [...] O problema das relações entre a graça divina e a liberdade humana ou livre arbítrio sempre apaixonou a teologia cristã”.

⁷ PIERRARD, P., p 201: “O soberano deve ser, pensar e agir por toda a comunidade: a expressão é de Frederico II, rei da Prússia, que nada mais foi do que retomar as posições de Luís XIV e de seus predecessores”.

⁸ PIERRARD, P., p.207: “Em 1763, João de Hontheim, coadjutor do arcebispo de Tréveros, publicou, sob o pseudônimo de Justino Febrônio, um tratado que criticava a forma monárquica da Igreja romana, reclamando maior autonomia para os bispos [...]”.

⁹ PIERRARD, P., p.211: “É conhecida a anglomania desse século. O deísmo, nascido de um compromisso tácito entre os antipapistas britânicos, o utilitarismo, o sensualismo e o ceticismo destilados por Hobbes, Locke, Pope, Hume e Gibbon penetraram na mentalidade europeia”.

¹⁰ PIERRARD, P., p 211: “A maçonaria, que se instalou na França e na América por volta de 1730 e na Alemanha por volta de 1740, também era importação da Inglaterra; sem ter tido participação direta e preconcebida com instituição na preparação da Revolução Francesa, ela contribuiu para difundir a ideia de uma religião natural baseada no deísmo”.

¹¹ PIERRARD, P., p 214.

¹² PIERRARD, P., p 222.

¹³ FISCHER WOLLPERT, R., p. 155: “O Concílio tornara nitidamente visível a Unidade interna do catolicismo e de Roma como núcleo central da Igreja Universal”.

¹⁴ PAPA BENTO XVI. Carta Apostólica Porta Fidei com a qual se proclama o Ano da Fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

¹⁵ PAPA BENTO XVI. Carta Apostólica Porta Fidei, p 3: “A Porta da Fé (cf At 14, 27), que introduz na vida da comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós”.

¹⁶ PAPA FRANCISCO. Discurso do Santo Padre Francisco por ocasião da Cerimônia de boas-vindas ocorrida em 22 de junho de 2013, p. 11: “Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo!”

¹⁷ PAPA FRANCISCO. Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

¹⁸ ACCATOLI, L., p 5: “Este livro reúne noventa e quatro textos do Papa Wojtyla, nos quais ele reconheceu culpas históricas da Igreja ou pede perdão”.

¹⁹ ACCATOLI, L. Quando o Papa pede perdão. Todos os mea culpa de João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 1997.

²⁰ FISCHER WOLLPERT, R., p 12: “Sobre a vida posterior de Pedro, existe uma declaração do historiador da Igreja, Eusébio de Cesareia, falecido em 339, segundo o qual Pedro se encontrava em Roma, entre 42 e 67 [...] esteve presente no Concílio de Jerusalém”.

²¹ PAPA FRANCISCO. *Op cit.*